

Gilbert Simondon: reticulações contemporâneas na América Latina

*Pedro P. Ferreira*¹

*Evandro Smarieri*²

*Fabiano Galletti Faleiros*³

*Laura Francis*⁴

*Stefano Schiavetto*⁵

Os brancos acham bonita a natureza que veem, sem saber por quê. Nós, ao contrário, sabemos que a verdadeira natureza é tanto a floresta como as multidões de *xapiri*⁶ seus habitantes. *Omama*⁷ criou nela seus caminhos e suas casas. Quis que os protegêssemos.

¹ Professor do Departamento de Sociologia do IFCH/Unicamp e coordenador do Laboratório de Sociologia dos Processos de Associação (LaSPA). E-mail: ppf@unicamp.br

² Doutorando e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8699-4813>. E-mail: esmasoares@gmail.com.

³ Doutorando e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3553-0808>. E-mail: fabianogalletti@gmail.com.

⁴ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9847-9069>. E-mail: laurafrancis@ufrj.br.

⁵ Doutorando e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4701-1853>. E-mail: stefanoschiavetto@outlook.com.

⁶ *Xapiri* são comparáveis àquilo que costumamos chamar de "espíritos", "mas são outros", como especifica Davi Kopenawa (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 111).

⁷ *Omama* é definido em Kopenawa e Albert (2015) como "o demiurgo yanomami".

[...] Se os brancos devastarem a floresta e destruírem seus morros e suas serras, os *xapiri* perderão suas casas. Aí, furiosos, irão fugir para longe de nossa terra e os humanos ficarão à mercê de todos os males. Os brancos não poderão fazer nada, mesmo com seus médicos e suas máquinas. Os espíritos temem os lugares muito quentes, como os lavrados distantes que cercam nossa floresta, onde mora o ser maléfico do sol, *Mot^ookari*. Temem também as cidades, empesteadas pela fumaça dos carros, aviões e helicópteros. Gostam de andar pela floresta, onde se divertem e cujo perfume fresco e úmido apreciam. Amam sua beleza e sua fertilidade. Nela vivem e se alimentam, por isso, como os humanos, querem defendê-la. Mas os brancos não os conhecem. Derrubam e queimam todas as árvores da mata para alimentar seu gado. Estragam o leito dos rios e escavam os morros para procurar ouro. Explodem as grandes pedras que ficam no caminho de suas estradas. No entanto, colinas e serras não estão apenas colocadas no solo, como eu disse. São moradas de espíritos criadas por *Omama!* Mas essas são palavras que os brancos não compreendem. Pensam que a floresta está morta e vazia, que a natureza está aí sem motivo e que é muda. Então dizem para si mesmos que podem se apoderar dela para saquear as casas, os caminhos e o alimento dos *xapiri* como bem quiserem! Não querem ouvir nossas palavras nem as dos espíritos. Preferem permanecer surdos. (Davi Kopenawa apud KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 476)

Há dez anos, em abril de 2012, foi realizado, no IFCH/Unicamp, o primeiro evento acadêmico latino-americano dedicado a Gilbert Simondon de que se tem notícia: *Informação, tecnicidade, individuação: a urgência do pensamento de Gilbert Simondon*.⁸ Naquele

⁸ O evento, sediado no Auditório I (atual Auditório Fausto Castilho) do IFCH/Unicamp, contou com 15 palestras divididas em 5 mesas distribuídas nas manhãs, tardes e noites dos dias 2, 3 e 4 de abril de 2012. Mais informações podem

mesmo ano, a área desmatada da floresta Amazônia atingiu 4.571 km², a menor extensão desde que o Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES) iniciou seus levantamentos, em 1988. Desde esse ponto de inflexão, em 2012, a área desmatada só aumentou, atingindo trágicos 13.038 km² de floresta desmatada no ano 2021 (cf. PRODES, 2022). Agora, em dezembro de 2022, já se sabe que a área desmatada da floresta Amazônia neste ano é a maior em 15 anos (IMAZON, 2022). Paralelamente ao desmatamento, o garimpo ilegal em terras indígenas abre cada vez mais crateras de lama e resíduos em meio à floresta, contaminando os rios (e portanto a cadeia alimentar de todos nós, indígenas e brancos) com mercúrio e disseminando a violência e a exploração. Mas como evitar a destruição de nosso planeta se continuamos, como os "brancos" a que se refere Davi Kopenawa, expondo "tanto a floresta como as multidões de *xapiri* seus habitantes" ao "ser maléfico do sol, *Mot^hokari*", potência incinerante, carbonizante, calcinante e febril que tudo consome com seu calor e suas chamas?

A imagem que ilustra a capa deste número da revista *Idéias* é um desenho do artista yanomami Orlando Nakeuxima Manihipitheri, feito em 1976 e intitulado "Motoka e os filhos". Segundo Laymert Garcia dos Santos (2014), Orlando usou "papel e caneta de cor" para realizar esse e muitos outros desenhos, a pedido da fotógrafa Cláudia Andujar, nos anos 1970. Mas mais que um mero desenho, "Motoka e os filhos" também foi considerado por Laymert "como um eco" das "imagens *utupë*" – imagens que, nas palavras do antropólogo Bruce Albert (apud GARCIA DOS SANTOS, 2014), "são percebidas pelos xamãs sob a forma de uma multiplicidade infinita de humanóides minúsculos, enfeitados com pinturas corporais e ornamentos de ofuscante luminosidade", "seres-imagens corpusculares, espécie de quanta mitológicos", que

ser encontradas no site original do evento, em: <https://cteme.wordpress.com/eventos/informacao-tecnicidade-individuacao-a-urgencia-do-pensamento-de-gilbert-simondon/>. Todas as 5 mesas foram gravadas, e ainda podem ser assistidas em: <https://www.youtube.com/@EncontroSimondon>.

"povoam o mundo em estado livre, tomados por uma incessante atividade de jogos, trocas e guerras que sustenta a dinâmica dos fenômenos visíveis".

O desenho "Motoka e os filhos" pode certamente evocar a potência incinerante do "espírito do sol *Mot^hokari*" – que, nas palavras de Davi Kopenawa, "queima todos os [...] rios e igarapés", "[s]eca-os com sua língua ardente antes de engolir seus peixes e jacarés", faz a terra "assar e fica[r] cada vez mais dura", as rochas esquentarem "a ponto de rachar e explodir", e impede qualquer vegetação de nascer "pois não há mais umidade para manter frescas as sementes e as raízes" (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 471-472) –, ainda mais depois de todo o processamento digital pelo qual passou desde que foi desenhado por Orlando.⁹ A imagem também remete, porém, à descrição de Davi Kopenawa para a maneira como os xamãs, quando necessário, propiciam a interrupção das chuvas convocando "os espíritos das cigarras e borboletas que se encarregam [...], em companhia da mulher, das filhas e das noras do ser sol *Mot^hokari*", de interceder junto às filhas de *Motu uri* ("o ser das águas subterrâneas") que permanecem "brincando eufóricas nos rios", "para acabar com suas brincadeiras e levá-las de volta para o seco" (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 198-199).

A palavra "Motoka" no título do desenho de Orlando remete diretamente à palavra yanomani *Mot^hoka*, que pode ser traduzida como o Sol "cujo calor cobre a floresta, e que é visto pelas pessoas comuns" (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 82). Mas ela também remete, claramente, a *Mot^hokari*, a "imagem [*utupë*,

⁹ Após serem doados, por Cláudia Andujar, para a Coleção Laymert Garcia dos Santos e Stella Senra, alguns desenhos de Orlando foram trabalhados digitalmente pelo fotógrafo Fernando Angulo, com o objetivo de transduzir sua potência imagética ao formato eletrônico, intensificando suas cores e contornos (e.g. GARCIA DOS SANTOS, 2014). Uma vez escolhido o desenho "Motoka e os filhos" para inspirar a chamada de artigos para este dossiê, Laura Francis e Fabiano G. Faleiros retrabalharam digitalmente mais uma vez a imagem já transduzida por Angulo, e por fim Faleiros compôs a versão final solar amarela e laranja que agora ilustra a capa.

"imagem corpórea interior/essência vital"] do sol", imagem que "só os xamãs ["gente espírito"] são capazes de fazer descer e dançar" (KOPENAWA: ALBERT, 2015, p. 82, 615). Por isso podemos entender tal imagem, com Garcia dos Santos (2014), como "eco" das "imagens *utupë*" – rastro, visível para nós, de imagens que "não veremos nunca" pois "permanecem inacessíveis". "Ser e espírito maléfico do sol" que desce à terra "enfurecido, para devorar os humanos como se fossem macacos moqueados", quando perturbado e potencializado desmesuradamente pelo desmatamento, pelo garimpo e pela morte da floresta e das "multidões de *xapiri* seus habitantes"; *Mot^hokari* também é, portanto, a "imagem [*utupë*] do sol" que atende ao chamado dos xamãs yanomami para devolver aos humanos as condições de sobrevivência (caça, pesca e cultivo) da estiagem (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 82, 349, 360, 476, 615, 728).

Há pelo menos 30 anos, Garcia dos Santos (1992, p. 199; 1998, p. 44-45) vem insistindo na necessidade de "aprender a ouvir as profecias do xamã e do poeta", articulando sinergias consistentes do xamanismo yanomami com a arte contemporânea – resultando, entre outras produções, no filme *Xapiri* e na ópera *Amazônia – Teatro Música em Três Partes*¹⁰ – e reiteradamente colocando à prova a hipótese simondoniana de que "o primeiro técnico é o pajé, o *medicine man*, [...] [o] xamã", que "traz para sua comunidade um elemento novo e insubstituível produzido num diálogo direto com o mundo, um elemento escondido ou inacessível para a comunidade até então". Ele vem fazendo isso por meio de uma

¹⁰ Também definido como "um filme experimental sobre o xamanismo yanomami" (GARCIA DOS SANTOS, 2016), *Xapiri* foi realizado por ocasião de dois encontros de xamãs de todo o território dessa etnia (localizado ao redor daquilo que é hoje a fronteira entre Brasil e Venezuela), na aldeia de Watoriki (Amazonas), em março de 2011 e março de 2012. A ópera, cuja direção artística Garcia dos Santos dividiu com Peter Ruzicka e Peter Weibel, estreou em 8 de maio de 2010, na *12ª Bienal de Teatro Música Contemporânea de Munique* (Reithalle, Alemanha). Informações e documentos relativos tanto à ópera *Amazônia*, quanto ao filme *Xapiri*, podem ser encontrados em Garcia dos Santos (2013), Senra (2011) e Garcia dos Santos e Senra (2012).

articulação – claramente fundada naquilo aquilo que Simondon chamou de "reticulações" mágica, técnica e estética (cf. DUHEM, 2016; FERREIRA, 2017, 2019) – de práticas mágicas e estéticas de xamãs indígenas (em especial de xamãs yanomami e do discurso profético de Davi Kopenawa), com práticas técnicas e estéticas da ciência e da arte modernas e contemporâneas, incluindo seus vínculos com o mercado capitalista global (cf. GARCIA DOS SANTOS, 2003, 2013).

Como vimos, desde 2012, o desmatamento da Amazônia só aumentou, sinalizando a crescente ira que *Mot^hokari* dirige aos humanos, mesmo àqueles que "[p]referem permanecer surdos". Mas ao mesmo tempo, como mostra o trabalho intelectual e o ativismo estético-político de Garcia dos Santos e de tantos(as) outros(as) simondonianos latino-americanos que não fecharam os ouvidos para o tempo mítico da criação de que fala Davi Kopenawa, as suas reticulações mágica, técnica e estética não se limitam a um passado imemorial imaginário e fantasioso, mas se manifestam a cada instante em que as potências virtuais de criação da realidade encontram meios de se atualizarem em novas individuações. Mantendo vivos os esforços de amplificação dessas potências virtuais, desde aquele primeiro encontro latino-americano em torno das ideias de Simondon em 2012, muitos outros eventos foram realizados nos anos seguintes, na Argentina, na Colômbia e no Brasil, culminando na criação, em 2019, da Red Latinoamericana de Estudios Simondonianos (RELES).¹¹ Este dossiê especial da

¹¹ Para listar apenas os principais eventos ligados à RELES, cabe mencionar os seguintes. Na Universidad de Buenos Aires (UBA, Argentina), foram realizados: o I *Colóquio Internacional Gilbert Simondon*, em 2013; e o II *Colóquio Internacional Gilbert Simondon - Lo transindividual: técnica, estética e política*, em 2015. No Brasil, foram realizados: o III *Colóquio Internacional Gilbert Simondon - Individuação e Inovação*, na UFRJ e no Museu do Amanhã (Rio de Janeiro), em 2017; e o *Colóquio Internacional Gilbert Simondon: os sentidos da individuação*, na FFLCH/USP (São Paulo), em 2018. Na Universidad Pontificia Bolivariana (UPB, Medellín, Colômbia), foi realizado o IV *Colóquio Internacional Gilbert Simondon: individuación, formación y tecnología*, em 2019. Por fim, em 2021, durante a pandemia de Covid-19, foi realizado, em formato online e com participantes

revista *Idéias*, dedicado a leituras latino-americanas de Simondon, se apresenta, assim, como mais uma etapa dessa individuação coletiva, comemorando os dez anos desde aquele primeiro evento, e apresentando alguns avanços importantes realizados desde então.

Apesar de a tese secundária de Simondon, *Du mode d'existence des objets techniques* (MEOT), ter alcançado alguma circulação na época de sua publicação (1958), e de o filósofo ter participado ativamente de debates sobre as imbricações entre tecnologia, sociedade e meio ambiente desde a década de 1960 até o final dos anos 1980, seu trabalho permaneceu relativamente pouco discutido até 2005, quando sua tese principal, *L'Individuation à la lumière des notions de forme et d'information* (ILFI), foi finalmente publicada na íntegra pela primeira vez. A partir de então, observou-se um crescente interesse internacional pelas ideias de Simondon, com a publicação póstuma de outros importantes cursos, compilações e artigos dispersos, além de traduções para outros idiomas das duas principais obras do autor.¹² A "descoberta internacional" de Simondon, como argumentou Jean-Hugues Barthélémy (2014), não ocorreu por acaso; antes, coincidiu com o "momento em que o animal é enfim reconhecido como sujeito, em que as redes informáticas se tornam o novo meio cultural da humanidade, em que a urgência ecológica se faz radical", e "em que a sociedade do trabalho sofre, por não ser ainda a sociedade da invenção, da educação e da atenção".

No caso do Brasil, a irradiação do pensamento de Simondon mais recentemente se expressa na criação de um ambiente fecundo

de diversas partes do mundo, o *Seminário Internacional Simondon Indisciplinar*. Mais informações sobre todos esses eventos, e sobre a própria RELES, podem ser encontradas em: <https://reles.gilbertsimondon.org/>

¹² Uma listagem atualizada de todas as obras de Simondon publicadas postumamente, assim como de todas as traduções das obras do filósofo, pode ser encontrada em: <http://gilbert.simondon.fr/content/publications-et-%C5%93uvres>.

em pesquisas, fomentado numerosas produções acadêmicas, eventos e publicações, com destaque para a tão esperada publicação, em 2020, das traduções brasileiras de MEOT – *Do modo de existência dos objetos técnicos*, pela editora Contraponto – e de ILFI – *A individuação à luz das noções de forma e de informação*, pela Editora 34. Na Unicamp em particular, tal processo de irradiação pôde ser observado no desenvolvimento de diversas pesquisas de Mestrado e Doutorado, em diferentes áreas do conhecimento (jornalismo científico, artes, sociologia, filosofia e educação), envolvendo as ideias de Simondon, e também na formação do Grupo de Estudos Gilbert Simondon (GrEGS), em 2018.¹³ A publicação deste dossiê dedicado ao filósofo, nesta revista, confirma e corrobora, portanto, a participação ativa do IFCH/Unicamp na propagação do pensamento de Simondon no Brasil.

Os aspectos comemorativo e contributivo deste dossiê se manifestam de duas formas. Por um lado, os textos de Pablo E. "Manolo" Rodríguez, Christian P. Kasper e Emerson Freire aqui incluídos são versões revisadas de textos apresentados originalmente no evento de 2012, e a aula transcrita de Laymert Garcia dos Santos, foi um dos principais precursores daquele evento. Por outro lado, o conjunto dos outros textos aqui apresentados oferecem uma generosa amostra dos avanços realizados nos estudos simondonianos desde então, não só no Brasil mas também em outros países. Como uma espécie de elo entre 2012 e 2022, apresentamos também uma breve entrevista com nosso caro Pablo Esteban "Manolo" Rodríguez, na qual buscamos explorar aspectos de sua atuação como importante reticulador dos estudos simondonianos na América Latina – e além.

¹³ Além de promover reuniões periódicas para o estudo de textos de Simondon, o GrEGS realizou, em 2021 (em formato online), o *Ciclo de Debates Gilbert Simondon*. Mais informações sobre o *Ciclo de Debates Gilbert Simondon*, e sobre o GrEGS em geral, podem ser encontradas em: <https://gregsifch.wordpress.com/>

O Dossiê *Gilbert Simondon: reticulações contemporâneas na América Latina* apresenta quatro tipos de publicações: uma transcrição de aula ("Por uma sociologia não-autocrática das máquinas", de Laymert Garcia dos Santos); uma transcrição de conferência ("Comunicación e información: la refundación de la tecnología, las ciencias naturales y las ciencias sociales en Gilbert Simondon", de Pablo E. Rodríguez); uma entrevista ("Dados, algoritmos e plataformas", com Rodríguez); e dezesseis artigos científicos escritos por pesquisadores sediados na América Latina.

"Por uma sociologia não-autocrática das máquinas" é uma versão condensada, editada e revisada por Laymert Garcia dos Santos, de anotações realizadas por Pedro P. Ferreira em sala de aula, em um notebook, durante as três primeiras aulas (realizadas nos dias 02, 16 e 30 de março de 2011) da última disciplina que Laymert ministrou no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) do IFCH/Unicamp, antes de se retirar para licenças e aposentadoria: a "SO141 – Tópicos Especiais em Trabalho, Cultura e Ambiente II", que ele dedicou exclusivamente às ideias de Gilbert Simondon, em especial à sua filosofia da individuação técnica e coletiva. Versões mais brutas dessas anotações, incluindo falas e questões de estudantes, foram publicadas online, na época, no blog do Grupo de Pesquisa Conhecimento, Tecnologia e Mercado (CTeMe-IFCH/Unicamp).¹⁴ Estas anotações nunca pretenderam ser *ipsis litteris*, como uma transcrição de áudio; antes, são traduções próprias e improvisadas (e materialmente limitadas pela memória e habilidade de digitação) para as falas proferidas na ocasião. A justificativa para a versão aqui apresentada é a convicção de que as ideias desenvolvidas pelo professor, naquele momento tão liminar de sua trajetória acadêmica, sobre um autor tão importante

¹⁴ O blog do CTeMe foi descontinuado em maio de 2017, mas permanece online em: <https://cteme.wordpress.com/>. As versões originais das aulas são: "Aula do Laymert (02/03/11)": <https://cteme.wordpress.com/2011/03/02/aula-do-laymert-020311/>; "Aula do Laymert (16/03/2011)": <https://cteme.wordpress.com/2011/03/22/aula-do-laymert-16032011/>; e "Aula do Laymert (30/03/2011)": <https://cteme.wordpress.com/2011/04/04/aula-do-laymert-30032011/>.

para ele, mereciam uma publicação em forma escrita melhor editada e revisada – e isso, principalmente no contexto deste dossiê.¹⁵

As publicações de "Comunicación e información: la refundación de la tecnología, las ciencias naturales y las ciencias sociales en Gilbert Simondon", conferência proferida por Pablo E. Rodríguez no evento sediado na Unicamp em 2012, e "Dados, algoritmos e plataformas", entrevista com o autor realizada neste ano de 2022, trazem para o dossiê dois momentos distintos, separados por um intervalo de dez anos, de sua reflexão sobre como pensar teórica e politicamente a partir de Simondon, e os desafios que tal postura intelectual coloca para as ciências sociais.

Os dezesseis artigos seguintes retratam um vivo diálogo de perspectivas latino-americanas com a filosofia de Simondon.

A partir das noções de "individuação" e "alagmática", Isabella Roldán e Jorge Montoya propõem uma reflexão sobre a epistemologia contida na filosofia de Simondon. Segundo os autores, mais do que uma nova ciência, a alagmática seria uma abordagem metodológica do conhecimento aplicável a distintos domínios e, portanto, um esboço de uma epistemologia simondoniana. German Vargas Guillén e Lina Marcela Gil Congote recuperam o conceito de "hipertelia" de Simondon e investigam suas relações com o mundo social, político e cultural, contribuindo para reflexões sobre individuação e formação da cidadania. Em "Não apenas técnico, nem só humano", Maria Cortez Salviano articula uma abordagem da comunicação política *online* a partir da aproximação da filosofia da técnica e da teoria da individuação de Simondon. Ainda nesse contexto, Danilo Melo e Israel Tebet investigam a gênese e transformação da percepção dos sujeitos,

¹⁵ As principais distinções da versão publicada aqui são: o fato de manter apenas as falas do professor (em lugar de incluir também as intervenções dos estudantes); e o rearranjo delas em 9 seções temáticas (em lugar de 3 aulas). Além disso, foram: eliminados diversos erros de digitação; aprimoradas diversas frases e parágrafos; incluídas referências bibliográficas (reunidas ao final) sempre que pertinente; e acrescentado um conjunto mínimo de notas de rodapé, com informações complementares e contextualizações.

utilizando-se dos conceitos simondonianos de "metaestabilidade", "transdução", "afetividade" e "transindividual".

Christian Pierre Kasper propõe uma abordagem aos sistemas sociotécnicos sob a perspectiva do conceito de "funcionamento", o qual ele retoma das formulações de Simondon sobre o objeto técnico, e expande para pensar interações de elementos heterogêneos em diferentes graus de sistemicidade. Rafael Malhão, por sua vez, nos oferece uma compreensão política do *design* aberto, da cultura *maker* e dos *fablabs* contemporâneos, a partir dos conceitos simondonianos de "objeto técnico" e de "enciclopedismo". E ainda dentro deste escopo, evidenciando uma aproximação entre conceitos simondonianos e a investigação pedagógica, as autoras Sabrina Caetano, Maria Impedovo e Gabriela Tebet buscam, em seu artigo, demonstrar como a interação de bebês com objetos técnicos ativa processos de individuação.

Destacase também as aproximações entre a filosofia de Simondon e as de outros filósofos. Diego Viana, por exemplo, explora os estatutos de relação do humano à técnica, aproximando as análises de Simondon e Spinoza sobre os modos de conhecimento e explicitando a síntese que ambos os filósofos operam entre o intuitivo e o formal, através da concepção de "natureza". Já o artigo de Rafael Alves Scarazzati apresenta uma leitura comparada entre Karl Marx e Simondon, contribuindo assim para o avanço da compreensão sobre relações atuais entre trabalho, alienação e técnica.

O capitalismo digital contemporâneo é o tema de "Informação como relacionalidade", de Lucas Paolo Vilalta, no qual o autor evidencia a relevância do conceito simondoniano de "informação" para a compreensão das características desse sistema a partir das três dimensões que este conceito articula: "devir do ser", "amplificação" e "relacionalidade". Darío Sandrone, por sua vez, retoma textos basilares da obra do filósofo francês para discutir sua ontologia das máquinas, dando especial destaque aos conceitos de "informação" e "energia". Ademais, ele reconstitui a taxonomia maquínica elaborada por Simondon, colaborando para as categorizações no campo da teoria filosófica e histórica das máquinas.

Frente ao estranhamento dos sistemas de inteligência artificial (IA), Diego Vicentin recorre a escritos de Simondon sobre "ética" e "técnica" para refletir sobre a possibilidade de aprofundamento da IA como via de superação da condição de alienação técnica. Dentro do mesmo tema, Rafael Gonçalves nos oferece uma análise sobre as técnicas de inteligência artificial atuais e suas agências tecnopolíticas, a partir das contribuições de Simondon sobre "técnica" e "automatismo".

Uma vertente profícua de reflexão simondoniana sobre as artes aparece em "O que pode uma modulação", onde Emerson Freire discute a invenção estética no cinema através do conceito simondoniano de "modulação" e da filmografia de Jeran-Marie Straub e Danièle Huillet. Com foco nas artes do corpo, em "Do Caso ao Cosmos" Milene Lopes Duenha e Francisco Gaspar Neto estabelecem uma relação entre o trabalho de Xavier Le Roy e a noção de individuação, explorando aproximações possíveis entre a filosofia de Simondon e as artes performativas contemporâneas. Igualmente original é artigo de Vinicius Portella Castro, que parte de referências artísticas diversas para discutir o retorno da magia através das redes técnicas modernas, sob a perspectiva da teoria trifásica da cultura em Simondon e, especialmente, da "fase mágica" enquanto uma condição genética de criatividade e reticulação coletivas.

Yanomamizando Simondon, neste dossiê aproximamos laymertianamente "Motoka e os filhos" de Orlando às potências e aos perigos de *Mot^hokari*, assim como buscamos traçar reticulações mágicas, estéticas e técnicas entre o tempo mítico de que fala Davi Kopenawa – e em certo sentido, o próprio Simondon (2007, p. 178) – e a nossa realidade atual e latino-americana. Para além de mera filosofia, trata-se de ontogênese em ato, individuação coletiva de modos de existência metaestáveis e, no sentido de Donna Haraway (2016, p. 114), corresponsáveis (i.e. capazes de responder em conjunto por seus atos); atualização, situada no Sul global, de potências difusas do fundo pré-individual, que Simondon soube tão habilmente nomear e titular.

Agradecimentos

A Laymert Garcia dos Santos por ceder a imagem que ilustra a capa, por autorizar a publicação aqui de suas aulas e por semear e cultivar por tantos anos, no IFCH/Unicamp, sementes de pensamento simondoniano; a Pablo Esteban "Manolo" Rodríguez por autorizar a publicação aqui de sua palestra, por nos conceder a entrevista, e por promover tão habilmente a reticulação latino-americana de estudos simondonianos; a todos(as) os (as) pareceristas que avaliaram os artigos submetidos, garantindo a qualidade desta publicação; e a todos(as) os(as) envolvidos por, de uma forma ou de outra, participar da individuação coletiva de leituras latino-americanamente situadas de Simondon.

Referências

BARTHÉLÉMY, Jean-Hugues. Simondon et les enjeux de notre temps. **iPhilo**, 2014. Acessível em: <http://iphilo.fr/2014/09/12/simondon-et-les-enjeux-de-notre-temps/>

DUHEM, Ludovic. La réticulation du monde: Simondon penseur des réseaux. *In*: Vincent Bontems (dir.). **Gilbert Simondon ou l'invention du futur: Colloque de Cerisy**. Paris: Klincksieck, 2016 [2013], p. 227-39.

FERREIRA, Pedro P. Reticulações: ação-rede em Latour e Simondon. **EcoPós**, v. 20, n. 1, 2017, p. 104-35.

FERREIRA, Pedro P. O xamanismo na era de sua reprodutibilidade técnica. **DoisPontos**, v.16, n.3, 2019, p. 81-98.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. O tempo mítico hoje. *In*: Adauto Novaes (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 191-200.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. Tecnologia, natureza e a "redescoberta" do Brasil. *In*: Hermes Reis de Araújo (org.). **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 23-46.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. **Amazônia transcultural: xamanismo e tecnociência na ópera/Transcultural Amazonas: shamanism and technoscience in the opera**. São Paulo: N-1, 2013.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. **Projeções da Terra-Floresta: o desenho-imagem yanomami**. *L*, 22 jul., 2014[2012]. Acesso em: <https://www.laymert.com.br/yanomami/>

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. **Tecno-estética: repensando as relações entre arte e tecnologia**. *L*, 18 mar., 2016 [2012]. Acesso em: <https://www.laymert.com.br/tecno-estetica-repensando-as-relacoes-entre-arte-e-tecnologia/>

GARCIA DOS SANTOS, Laymert; SENRA, Stella. *Xapiri* e a imagem-eco do xamanismo. In: *FORUMDOC. BH*. 2012: **16º Festival de Filme Documentário e Etnográfico – Fórum de Antropologia e Cinema**. Belo Horizonte: Associação Fundo de Quintal, 2012, p. 161-7.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press. 2016.

IMAZON. Desmatamento na Amazônia chega a quase 8 mil km² em 2022, pior acumulado em 15 anos. **Imazon**, 16 de setembro, 2022. Acesso em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-chega-a-quase-8-mil-km%C2%B2-em-2022-pior-acumulado-em-15-anos/>

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. (Trad. Beatriz Perrone-Moisés) São Paulo: Companhia das Letras, 2015[2010].

PRODES. Monitoramento do desmatamento da Floresta Amazônica brasileira por satélite. **Coordenação-Geral de Observação da Terra – INPE**, 2022. Acessível em: <http://www.obt.inpe.br/OBT/asuntos/programas/amazonia/prodes>

SENRA, Stella. Conversações em Watoriki: das passagens de imagens às imagens de passagem: captando o audiovisual do xamanismo. **Cadernos de Subjetividade**, v. 13, 2011, p. 55-77.